

NOTICIA BIOGRAPHICA

DE

D. Carolina Augusta Cesarina

POR

Antonio Borges Sampaio

Correspondente official do Archivo Publico Mineiro

UBERABA — 1906

D. CAROLINA AUGUSTA CESARINA

(NETA DE TIRADENTES)

Fallecendo em Uberaba D. Carolina Augusta Cesarina a 30 de setembro de 1905, mandei ao «Jornal do Commercio», do Rio de Janeiro, como seu correspondente, a seguinte noticia em data de 5 de outubro, publicada na edição de 9:

«Fallecida no dia antecedente, sepultou-se a 1 do corrente a veneranda matrona D. Carolina Augusta Cesarina, ultima neta do martyr da Inconfidencia, alfores Joaquim José da Silva Xavier o «Tiradentes».

«Desto heroe e de Eugenia Joaquina da Silva tinha nascido João de Almeida Baltrão, que se casara com Maria Francisca da Silva, de cujo enlace nasceram nove filhos, o quinto dos quaes era D. Carolina, que acaba de terminar a existencia, e com ella se terminaram todos os netos de Tiradentes.

«D. Carolina Augusta Cesarina era viuva do Antonino Alves de Rezende, fallecido em Curvello, deste Estado (de Minas), de cujo casal tinham nascido duas filhas, Gavina Augusta Cesarina, viuva de Bernardino Martins Veiga, e Carlota Augusta Cesarina, viuva do Felisissimo Vieira da Silva.

«Nacera D. Carolina nos Quarteis-Gerses, municipio de Ildayá, em março de 1819, contando, portanto, 86 annos de edade ao fallecer. Em consequencia de frequentes ataques de epilepsia, molestia que a affligia desde a infancia, conservava-se, desde muitos annos, deitada ou recostada em um canapé; conservou até o momento de expirar o espirito lucido e admiravel memoria, de conversação agradável.

«Quando moça era de estatura alta, direita, harmonicamente conformada, tez clara e rosada; os traços de seu rosto, comprido denunciavam os do proto-martyr avô; que, com a edade, haviam se tornado ainda mais salientes; no cabello sunbro destacava-se a palidez do rosto, que não fôra perturbada por longa agonia.

«Tendo vindo para Ultramar em agosto de 1848, nos cincoenta e sete annos que aqui jor nanceu, gozou muita sympathia e estima de

possões as mais distintas da nossa sociedade, não constando que tivesse ou deixasse algum defeito.

«Foi sempre prestimosa e caritativa; criou e educou meninas que não eram seus parentes e foram boas mães de família; dispoz de muita intelligencia e habilidade, sendo excellente dona de casa, attributos de que ainda dispuzha até ficar se, sequestrada como se achava no seu canapé. Em sua mocidade o tempo de casada soffreu dolorosas privações, que, conhecidas que fossem por um litterato, dariam assumpt) a interessante romance.

«Muitas pessoas que vinham a Uberaba não se retiravam sem visitar D. Carolina; um destes admiradores da interessante matrona escreveu á «Gazeta» em 24 de Agosto ultimo: «Chegando á casa da veneranda matrona, procedi conforme me ordenam as regras da pragmatica, vindo logo ao meu encontro uma senhora edesa.

Era D. Gavina, unica filha actual da finada.

«Incontinentemente lhe sciencifiquei qual era o fim de minha visita, e ella, com uma amabilidade excessiva, mandou-me que entrasse, dizendo-me estar tambem ligada ao grande morto pelas vinculas do sangue.

«Descober nos estreitos limites deste artigo a impressão que tive ao visitar aquella adorada velhinha recostada n'um sofá, tendo soltas as suas alvas, finas e delicadas madeixas, me é absolutamente impossivel. Os seus cabellos brancos conduziã a minha imaginação ao solo poético da antiga Grecia, onde a velhice, por si só constitua um titulo de nobreza. Beije-lhe a mão e vi no sorriso de sua alma, na palpação do seu coração, na sua retina, a imagem do immortal mineiro, que em vida se chamou Tiradentes. Mostra ainda ardente amor pelo futuro, sincero carinho pelo presente, e verdadeira saudade pelo passado.

«Perguntou-me se eu era adepto do seu chorado avô; affirmei-lhe verdadeiramente que era e que contricto balbucio as suas preces desde que conheci a sua litteria.»

Outras considerações fez o visitante, que o espaço não me permite transcrever.

Finou-se quasi instantaneamente, sem agonia. A sua residencia foi nesse dia frequentada por muitas pessoas e o sahimento para o cemiterio foi muito concorrido, deixando entre todos reaes saudades e sympathias, com geral sentimento.

A *União*, folha que naquella epoca se publicava no Rio de Janeiro, em sua edição de 10 do mesmo mez, transmittindo a noticia do *Jornal do Commercio* a seus leitores, terminou-a com as seguintes linhas.

«Diz mais que de Tiradentes e de Eugenia Joaquina da Silva nasceu João de Almeida Beltrão, que se casou com D. Maria Francisca da Silva e tiveram nove filhos, dos quaes era o quinto D. Carolina agora fallecida, e com ella se terminaram todos os netos de Tiradentes.

Não posso aceitar, sem mais exame, esta asserção. Foi companheiro de quarto no Collegio Marinho, do meu amigo Pedro Silveira, que ainda vive no Pomba. Lembro-me que era elle tido como neto de Tiradentes.

E uma coincidência mais havia na pequena republica do Collegio: tambem era nosso companheiro Joaquim Silverio dos Reis, que diziam descendente do delator de Tiradentes, sobre o qual se tem atirado uma odiosidade exagerada.

A verdade é que viviamos em optima harmonia os tres e mais o José Joaquim, o Marcos Monteiro de Barros, Serafim de Abreu, João Braz da Silveira Caldeira, o Custodio e o Joaquim Solidonio Gomes dos Reis, Sizenando Nabuco, Salvador de Mendonça, Elias de Moraes Braz Arruda, Domiciano e outros, dos quaes a maior parte já dorme no Senhor. Tambem era nosso companheiro Francisco de Paula Alvarenga, descendente do inconfidente de igual nome.— A. F. S.»

Parce-me não ser procedente a duvida do illustrado redactor da *União*. Para que Pedro Silveira pudesse ser considerado neto de Tiradentes, seria preciso que fosse filho de João de Almeida Beltrão, e que não o era, presumo poder ser affirmado. Este não teve filho algum de nome Pedro. Eis a descendencia, com a denominação de seus nove filhos:

1.º — Anna de tal, que se casou com José Gomes de Moura, ambos falleceram no lugar Quartéis-Geraes, em Minas. Deste casal nasceram dois filhos, dos quaes, um, de nome Flavio Gomes de Moura falleceu na cidade de Sacramento, não havendo noticia do outro.

2.º — José de Almeida Beltrão (Juca Beltrão), que se casou com Maria Magdalena, fallecendo ambos em Uberaba. Não houve filhos deste casal.

3.º — Lucio, fallecido no dito lugar Quartéis-Geraes, solteiro, na idade de nove annos.

4.º — Francollina Faneta Josina, que foi casada com Joaquim dos Santos Caldeira; ambos falleceram no mencionado lugar Quartéis-Geraes deixando muitos filhos, ignorando-se os nomes.

5.º — Carolina Augusta Cesarina, que foi casada com Antonio Alves de Resende, fallecido em Curvello. Deste casal houve duas filhas, Gavina e Carlota.

6.º — Elisa Lisboa Magdalena do Carmo, que falleceu no estado de solteira na villa de Morrinhos do Estado de Goyaz, deixando filhos naturaes dos quaes se ignora o numero e os nomes.

7.º — Justino de Almeida Beltrão, que foi casado com Emilianna de tal. Ambos falleceram na villa de Morrinhos do Estado de Goyaz. Deste casal houve diversos filhos, ignorando-se os nomes e numero delles.

8.º — João de Almeida Beltrão Junior. Casando-se com Maria de tal, separou-se da mulher, sem haver filhos do casal.

9.º — Belchior de Almeida Beltrão, que foi casado com Maria de tal, alcunhada *Nha*; enviuvado, casou-se novamente com Maria de tal. Deste casal houve filhos ignorando-se o numero e os nomes.

Deste cenocho se evidencia que Pedro Silveira não deverá ter ir. mão de D. Carolina Augusta Cesarina, por não ser filho de João de Almeida Beltrão.

Para ser descendente devia ser, pelo menos, filho de algum dos seguintes irmãos de D. Carolina, a saber: de Anna, de Francellina, de Elisa, de Justino, ou de Belchior. Mas, em qualquer destas hypotheseas já seria bisneto e não neto, pertencendo á quarta geração, quando D. Carolina Augusta Cesarina, pertencendo á terceira, era a última neta de Tiradentes; isto é, das mulheres, porque dos homens filhos de João de Almeida Beltrão, ainda devia viver o do nome Belchior de Almeida Beltrão, conhecido na familia por *Belchiorzinho*.

Uma hypothese poderia ter occorrido — a existencia de outro filho de Tiradentes, além de João Beltrão; tal hypothese, porém, não se póde afirmar pela convicção em que D. Carolina sempre esteve de que, além de João Beltrão, outro não houve. Foi visinho desta senhora muitos annos (desde 1818 a 1805), conversavamos muito sobre Tiradentes, asseverando sempre não saber de outro filho d'elle, além de João Beltrão.

Um dia pedi a D. Carolina informações circumstanciadas sobre seus antepassados, declarando-lhe ter nisso interesse historico. Como ella não podesse mais escrever, obteve de seu bisneto a fim José Ricardo de Lima que as tomasse, ao que de boa vontade ambos acce-deram. Eis, pois, o historico da ascendencia da finada, e parte do seu.

Manoel da Silva e Maria Josepha da Silva, que D. Carolina supponha serem portuguezes, vieram do Rio de Janeiro para Villa Rica, acompanhados de tres filhas, mandados por frades, a fim de tomarem conta de uma Quinta que ahí os mesmos possuíam.

Este casal tinha, pois, nascidos no Rio de Janeiro ou em Portugal, os seguintes filhos: Theodoro da Silva, Francisco Mathias da Silva, Eugenia Joaquina da Silva, Maria Eugenia da Silva e Leonarda Eugenia da Silva.

Os dous primeiros não foram conhecidos de D. Carolina; sabia, porém, terem sido militares e morrerem moços.

Residia essa familia, á excepção dos dous moços, em Villa Rica tão recatadamente, que a casa parocia deshabitada. O chefe ia quotidianamente trabalhar na Quinta levando provisão de bocca para o dia e voltava a noitinha.

Essa Quinta, pelo que constava á narradora, era situada a pequena distancia da Villa, e segundo lhe haviam dito, ha hoje perto della uma estação ferrea. Era cercada de muros de pedras, altos e fortes, de modo a ficar-se dentro completamente salvo das vistas de fora.

Quando era tempo de colheitas, o velho Manoel da Silva levava de manhã para a Quinta a mulher e as tres filhas, a fim de auxiliarem no trabalho, a portas fechadas á chave, bem entendido, para evitar qualquer communicação da familia com a rua ou estrada, voltando para a Villa depois de ter anoitecido.

Os productos das colheitas eram remettidos aos frades do Rio.

Assim vivêra esta familia alguns annos em paz, até que veio a fallecer o chefe Manoel da Silva; como não havia entre ella um homem que pudesse continuar na administração da Quinta, abandonaram o serviço e a miseria foi-lhes de encontro. Pouco tempo depois adoeceu gravemente a viuva Maria Josepha da Silva, que por fim declarou-se demente.

Viram-se as filhas na necessidade de trabalhar para sustentarem sua mãe e a ellas proprias; por isso, não obstante serem moças inexperientes, sem saberem tomar uma deliberação qualquer, em vista da educação reservada que tinham recebido, viam-se na contingencia de sahirem á rua em procura de sua mãe; porque esta, conseguindo occasião não a deixava perder o occupalhoes, sahindo e gritando: «o que tinham feito do seu Manoel da Silva».

Tiradentes, condoendo-se da sorte daquellas infelizes as soccorria, captando-se assim a amizade dessa pobre familia; taes foram as relações da intimidade estabelecidas, que Eugenia Joaquina da Silva teve d'elle um filho, ao qual foi dado o nome de João.

Esse menino contava seis annos de idade quando Tiradentes concebeu a idéa de dar ao Brasil a independencia; mas, receiando que seu filho viesse a soffrer, caso não levasse adiante o seu grande ideal, pois sabia que as penas eram rigorosissimas naquella epoca, pediu ao seu amigo Joaquim de Almeida Beltrão que ficasse com o menino; pois ia retirá-lo do poder de sua mãe e entregá-lo-lhe, para que o criasse como sendo seu filho, pondo-lhe o mesmo nome da familia Beltrão.

Joaquim de Almeida Beltrão, que exercia a profissão de açougueiro, embora não estivesse envolvido na conspiração, sabia de tudo quanto se passava a respeito della. Acceitou o menino e o criou

como se fosse de sua família, de cujo facto resultou o tomar um nome que não lhe pertencia.

As previsões de Tiradentes tornaram-se realidade e a Historia se tem registrado assim; bem como as consequências da conspiração a ignominiosa terminação dos conspiradores; o afflictivo que devia tambem rochar sobre o filho do herde, se não fosse o mole cauteloso que empregára para occultar a justiça; não obstante o que, esta, tendo alguma desconfiança, chegou a interrogar Eugenia Joaquina da Silva sobre se a paternidade do menino João Beltrão (posterior a Tiradentes) o que ella negou peremptoriamente.

Entretanto, Joaquim de Almeida Beltrão não foi o segundo pai carinhoso que Tiradentes pensou ter achado para seu filho, por isso que, tomando conta do menino, começou a maltratá-lo, mesmo com pancadas. Eugenia Joaquina da Silva isto observando e que a des-humanidade augmentava, um dia, ouvindo os gritos da pobre criança, dirigio-se afflicta á casa de Joaquim Beltrão e pediu-lhe a entrega do filho. Joaquim Beltrão não se oppoz á entrega do menino a sua mãe, mas disse-lhe: «Leve o menino, mas se for dar parte á justiça mostrando-lhe signaes de pancadas, eu não guardarei mais o segredo de sua paternidade; e se isto acontecer, a senhora bem sabe qual a sorte que terá.» A reflexão acullio á mente da mãe angustiada, que nada mais teve a fazer senão levar consigo o filho caladinha, pedindo a Joaquim Beltrão desculpas, se por ventura suas palavras o tivessem offendido.

A transferencia do menino João para a casa de sua mãe Eugenia deve ter-se effectuado cerca de dous annos depois da execução de Tiradentes.

Eugenia mandou ensinar seu filho a ler e tambem o officio de ourivo, sem que alguma coisa transpirasse a respeito da sua paternidade, devido ao cuidado nisto empregado; posto que em Villa Rica houvesse espionagem activa, para saber se o que sobre Tiradentes se dissesse em família e ser denunciado.

Entretanto cresceu João de Almeida Beltrão, e porque era uma figura bonita e bem comportado, foi-lhe permitido assentar priça de cavallaria e se destacou com outros compincheiros, sob o commando de um official, para o lugar Quarteis-Geraes, actual Espirito Santo do Indayá, destacamento que tinha por fim fiscalisar o contrabando do ouro e diamantes.

Nesse lugar permaneceu alguns annos solteiro, até que casou-se com Maria Francisca da Silva, filha de fazendeiro abastado. Foi desse consorcio que nasceram os nove filhos, dos quaes foi dada relação mais acima, fazendo parte dellas, em quinto lugar, D. Carolina Augusta Coararina.

Tendo, pois, o casamento proporcionado meios a João de Almeida Beltrão, onde elle mandou vir de Villa Rica para sua companhia, não só sua mãe Eugenia Joaquina da Silva e suas tias Maria Eugenia da

Silva e Leonarda Eugenia da Silva, como tambem a mãe dellas Maria Josepha da Silva, viuva de Manoel da Silva e amparal-as.

Maria Josepha da Silva, Maria Eugenia da Silva, Eugenia Joaquina da Silva, Leonarda Eugenia da Silva e João de Almeida Beltrão, falleceram no lugar Quarteis-Geraes; Maria Francisca da Silva em Uberaba.

Estas tradições D. Carolina se obtivera de suas tias quando morava nos Quarteis Geraes, donde apenas sahira para vir residir em Uberaba; ouvindo-as tambem de sua mãe Maria Francisca da Silva lá, e aqui mesmo, em Uberaba onde falleceu, como já ficou dito.

Eugenia Joaquina da Silva era uma senhora gôrdi, muito clara caprichosa, que por doente não sahia de seu quarto, onde lhe eram servidas as refeições pelas escravas do seu filho João; sua vida, porém, parecia limitada a reviver em sua memoria os tristes transees porque tinha passado Tiradentes. Seus últimos annos passou-os em choro continuo; chorava todo o dia por não ver o pai do seu filho, a cuja memoria dedicava amor extremo. Derramava lagrimas quando ouvia falar em Tiradentes; bem como, quando João Beltrão dava ordens forte, naturalmente falando alto.

Tudo concorria para recordar-se dos martyrios porque Tiradentes havia passado. Estado angustioso este em que continuou, mesmo depois de ter sido declarada a Independencia, não se podendo capitular, da cessação do perigo para seu filho, antes pensava que o anathema infamante posto na sentença que mandava executar Tiradentes, vigorava contra João Beltrão. Occupava-se em ficar lida no fuso, pinteir e cortar as unhas aos netinhos, sempre pensativa, triste e assombrada. Quando entre suas irmãs avontecia falar se em Tiradentes, era baixinho, para não serem ouvidas por pessoas estranhas á familia. Tudo quanto possuia em que pudesse comprometter o menino João, relativamente á sua paternidade foi queimado, inclusive os bilhetes de Tiradentes a Eugenia, bem como outros escriptos delle que estavam em poder della.

Contava D. Carolina que uma tarde, no terreiro da fazenda de seu pai, estava junto de sua tia Leonarda conversando e, ouvindo-a contar historias proprias para crianças, que muito apreciava, sahira da casa para o terreiro João Beltrão; este se dirigira para o lugar onde estavam os escravos em serviço, aos quaes dava ordens para o trabalho, com o seu costume natural de falar alto. No dia seguinte Leonarda lhe dissera: «Minha filha (era assim que tratava D. Carolina), quem nunca viu Tiradentes o conhece vendo teu pai. Com a ingenuidade e espanto proprios da sua idade, indagára:

- Tia Leonarda, quem é esse Tiradentes?
- É teu avô, pai de teu pai.
- Tia Leonarda, meu pai não gosta do pai dello, pois nunca o ouvi falar nolle.
- Não pôde. Elle morreu enforcado.

— Ah! Então meu avô era muito ruim!!

— Não; pelo contrario. Muito bom é que elle era.

Este dialogo fôra interrompido pelo apparecimento de outras pessoas; mas elle conservava em sua memoria fiel recordação.

Vindo a mãe de João Beltrão para os Quartéis-Geraes, ali vivia alguns annos, mas soffendo sempre de apprehensões e tanto cuidados á familia, fallecendo quando D. Carolina era ainda criança.

A mãe de Eugénia morava no arraial Quartéis-Geraes bem como suas irmãs Maria Eugénia e Leonarda, onde eram soccorridas por João Beltrão, que residia na fazenda situada perto, onde ellas iam frequentemente.

De entre os sobrinhos de Leonarda, era D. Carolina a qua ella mais se aproximava, por isso teve occasiões mais favoraveis de ouvir historias relativas a Tiradentes, melhor as comprehendendo depois de mais crescida, adquirindo sempre interesse em ouvi-las.

João de Almeida Beltrão depois do caso continuou algum tempo como soldado de cavallaria no destacamento de Quartéis Geraes, obtendo a baixa do serviço devido a uma questão que tivera com o commandante. Fôra o caso: um dia pediu-lhe este emprestado o cavallo de sua propriedade particular, para viajar no dia seguinte. João Beltrão promptamente pôz o cavallo á disposição do commandante, mas disse-lhe que o mandasse levar de manhã, por isso que, se o fizesse no pastinho do Quartel, como era inteiro faltaria o cercado e só seria encontrado d'ahi a duas leguas. Instou o commandante e o mandou levar nesse mesmo dia. O cavallo de noite tinha fugido e o commandante disse a João Beltrão:

— Você veio de noite tirar o cavallo.

— Não; respondeu-lhe. E disse-lhe que era mais seguro deixá-lo na estribaria, porque do pastinho fugiria. A culpa é pois do senhor e não minha.

Como João Beltrão tinha o habito de falar alto e o commandante, que se chamava Antonio Pedro, estava contrariado, disse-lhe:

— O senhor está falando alto, olhe que lhe prendo.

— Nunca ouvi essa voz, respondeu.

— Pois esteja preso por duas horas aqui, na minha sala.

João Beltrão obedeceu, não se assentou, passeando sempre. Terminado o tempo, o commandante mandou-lhe que se retirasse, o que fez, repetindo:

— Nunca ouvi essa voz, mas será a ultima que o senhor me dá.

— Serão quartis ou quizer, retrucou o commandante.

— Digo que será a ultima, replicou João Beltrão, retirando-se para o quartel.

Nessa tarde reuniu animado o camaradas e seguiu do medroga-da para Villa Rica, a fim de solicitar sua baixa, não obstante faltar-lhe

apenas tres mezes para completar o tempo da reforma como soldado.

Nem o commandante nem os soldados sabiam do paradeiro de João Beltrão quando pouquissimos dias depois, relativamente á distancia, viram-no apear á porta do commandante e entregar a este, de cabeça alta, um officio, o qual olhando o perplexo, de ar carrancudo, tomou o officio; lendo-o, vio ser a baixa.

— Como você não ha deir, disse; mas hãdo arrepende-se, pois só faltavam tres mezes para reformar-se ganhando soldo.

— Mas eu disse-lhe que nunca tinha ouvido aquella voz que o senhor me deu; que não a ouviria mais e precisava cumprir o que disse.

Neste ra-go de brio e pundonor bem se deixa ver o genio altivo de Tiradentes: D. Carolina herdava-lhe os mesmos sentimentos pundonorosos.

Deixando João Beltrão o destacamento, foi residir com a familia no arraial (o quartel e a casa do commandante eram situados em um dos suburbios do dito arraial). Algum tempo depois mudou-se para sua fazenda, denominada Boa-Vista, legua e meia distante do arraial. Já a esse tempo tinha cinco filhos, inclusiva D. Carolina, que ainda foi nascida no quartel do destacamento, onde havia commodidade, até então occupada por João Beltrão, sua mulher e filhos: Leonarda e Eugénia moravam no arraial.

D. Carolina, ate fallecer, possuia um corião fino, de ouro, proprio para placenez, ao qual ligava muita estima, por ter pertencido a Tiradentes; porquanto esta o dera a sua avó, esta a seu pai e este a D. Carolina.

Esse objecto, que na familia é uma recordação do heróe mineiro, existe actualmente com a beneta Gavina.

Persuado-me de que estas informações prestadas pela propria D. Carolina Augusta Cesarina, cerca de dois mezes antes de morrer e tomadas a pedido meu no interesse historico, por um de seus bisnetos affim intelligente, que morava com ella, alem do que eu proprio lhe ouvia, serão sufficientes para mostrar ser ella netã do Alferes Joaquim José Xavier da Silva «Tiradentes».

Alem disso, conheci pessoalmente e por alguns annos em Uberaba Maria Francisca da Silva e seus filhos José de Almeida Beltrão, Justino de Almeida Beltrão, bem como a nova Maria Magdalena; com alguns tive relações de vizinhança e de bastante intimidade, por nenhum delles houve noticia de que um filho de João de Almeida Beltrão se chamasse Pedro Silveira.

Infiro, pois, que a alcunha «Tiradentes», porque era conhecido na republica dos estudantes collegiaes, companheiros do illustrado A. F.

S., redactor da «União», não o ligava por parentesco ao protomartyr da Inconfidência; taes alcunhas se formam frequentemente entre moços collegiaes, ou reunidos por outra qualquer razão.

Genealogia do 5.º filho de João de Almeida Beltrão, D. Carolina Augusta Cesarina, quando esta falleceu, a 3.º de setembro de 1905.

«Tronco». — D. Carolina Augusta Cesarina, casada que tinha sido com Antonio Alves de Resende.

«Filha». — 1.ª, Gavina Augusta Cesarina, viuva de Bernardino Martins Veiga. — 2.ª, Carlota Augusta Cesarina, que foi casada com Felisissimo Vieira da Silva, ambos fallecidos sem deixarem filhos.

«Netos». — Filhos de Gavina: 1.º Carolina Augusta Cesarina, viuva de Jose Pereira Vianna; 2.º Jose Augusto Tiradentes, casado com Luiza Magnanima Tiradentes. Todos residem em Uberaba.

«Bi netos». — Filha unica de Carolina Augusta Cesarina e Jose Pereira Vianna: — 1.ª Candida Tiradentes de Lima, casada com Jose Ricardo de Lima. Residem em Uberaba.

Filhos de Jose Augusto Tiradentes e Luiza Magnanima Tiradentes: — 1.º Oridea, com 12 annos de idade; 2.º Gavina, com 11 annos; 3.º Rita, com 10 annos; 4.º Joao, com 9 annos; 5.º Maria Augusta, com 7 annos; 6.º Luiz, com 5 annos; 7.º Diogenes, com 4 annos; 8.º Maria de Lourdes, com 3 annos; 9.º Adhemar, com 2 annos.

«Tateranetos». — Filhos de Candida Tiradentes de Lima e Jose Ricardo de Lima: — 1.º Isolota Tiradentes de Lima, com 17 annos de idade; 2.º Ricardo Tiradentes de Lima, com 14 annos; 3.º Algeny Tiradentes de Lima, com 12 annos; 4.º Jose Tiradentes de Lima, com 4 annos.

Como se vê pela idade de Isolota, a «nets» do Alferes Joaquim Jose Xavier da Silva Tiradentes, podia ter «quateranetos» quando falleceu.

Uberaba, 24 julho de 1906.

ANTONIO BORGES SAMPAIO.

«Correspondente Official do Archivo Publico Mineiro».

A LUZ ELECTRICA

EM

UBERABA